



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 01/06/2017

BRASIL	2
Presión a la baja e incertidumbre en momentos en que culmina la zafra.....	2
Denuncia de JBS	2
Congreso crea una comisión mixta de investigación.....	2
Estiman que afectará también en Estados Unidos.....	2
OIE declara Brasil libre de pleroneumonía contagiosa bovina.....	3
Frigoríficos de Mato Grosso son habilitados para abastecer todo Brasil.....	3
Ministro Maggi sostuvo la reapertura de frigoríficos.....	3
URUGUAY	4
Un toque de cautela en el mercado de haciendas	4
Productores siguen firmes con pago en tercera balanza	4
Crecieron 30% las colocaciones de carne uruguaya en la cuota 481	5
Apertura de Japón para la carne vacuna fresca “está avanzando”.....	5
Autoridades a la espera de “noticias promisorias” para la apertura de Japón.....	5
Más faena y menos stock.....	6
La ganadería suma una previsible luz amarilla y una verde esperanza	7
Diferencia de precio impide exportación de animales en pie a Egipto Hay interés de importar carne vacuna.	8
Se concretó el traspaso del frigorífico BPU al grupo japonés NH Foods.....	8
PARAGUAY	9
El bajo crecimiento del hato ganadero preocupa a la ARP	9
Instituto de la carne: abren tregua para buscar consenso	9
Técnicos de Hong Kong verificarán frigoríficos	10
UNIÓN EUROPEA	10
Lanzan plataforma de bienestar animal	10
ESTADOS UNIDOS	10
EEUU: ingreso de ganado a corrales en abril fue el máximo en 14 años.....	10
Negocian con CHINA condiciones de la apertura	11
USMEF organiza visita de importadores de Vietnam, Singapur y Filipinas	12
Mayor faena de novillos y vaquillonas.....	13
INDIA	13
Gobierno de India quiere impedir comercio de ganado para faena; tribunal logró suspender la medida.	13
Dudan sobre la posibilidad de que se impida faenar vacunos	14
Medida judicial paró la prohibición	15
AUSTRALIA: Record de existencias en feed lots.....	15
EMPRESARIAS	16
Cambios en presidencia del grupo JBS S.A. Se fue Joesley Batista.....	16
J&F cerró un acuerdo con Ministerio Público Federal por R\$ 10300 millones	17
Daniel De Mattos: “Nipponham es un cambio sustancial para el negocio de la carne en Uruguay”	17



BRASIL

Presión a la baja e incertidumbre en momentos en que culmina la zafra

Sexta-feira, 2 de junho de 2017 - As tentativas de compra abaixo da referência seguem ocorrendo com frequência em todas as praças.

Porém, apesar do ambiente ainda ser de incerteza em função de todos os acontecimentos recentes, a pressão de baixa se limita, quase sempre, às ofertas de no máximo R\$2,00/@ abaixo da referência.

São Paulo talvez seja uma das exceções. Há compradores ofertando até R\$4,00/@ menos, mas não conseguem comprar. Fora disso, em negócios analisados pontualmente, pode haver elevação das ofertas de compra.

De forma geral, se houver necessidade de pagamentos maiores, há espaço. As margens da indústria começaram a semana nos maiores patamares já registrados pela Scot Consultoria e, embora tenha recuado hoje, somente em 2013 houve resultado parecidos.

Contudo, os preços ofertados só vão subir se houver necessidade, caso ocorra um crescimento nas vendas de carne.

No mercado atacadista a demanda parece não ajudar. Os preços dos cortes sem osso caíram 2,1% ao longo da semana.

Denuncia de JBS

Congreso crea una comisión mixta de investigación

31/05/17 - por Equipe BeefPoint

Durante sessão na noite desta terça-feira, o presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira (PMDB-CE), fez a leitura do pedido de criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) mista, que é formada por deputados e senadores, para investigar os empréstimos concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a J&F, controladora da JBS, entre 2007 e 2016, durante os governos dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do PT. Também estarão no alvo da comissão as investigações os termos e as condições para a realização das delações dos empresários Joesley e Wesley Batista, donos da JBS, e de executivos da J&F, realizadas com a Procuradoria Geral da República e homologadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A comissão foi requerida pelo senador Ataídes Oliveira (PSDB-TO) e pelo deputado Alexandre Baldy (Podemos-GO).

Após a leitura, será realizado um cálculo para distribuir as vagas na comissão em relação ao tamanho dos partidos. Os líderes partidários, na sequência, terão um prazo para indicar os membros do colegiado. Com o preenchimento das vagas, será marcada a instalação da comissão.

Haverá prazo de 120 dias, prorrogáveis por mais 60 dias, para a apresentação de relatório final. A comissão mista será composta por 16 senadores e 16 deputados titulares.

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Estiman que afectará también en Estados Unidos

01/06/17 - por Equipe BeefPoint

Semana passada, a Moody's rebaixou as classificações financeiras da JBS S.A e da JBS USA, já que os acionistas controladores da empresa estão envolvidos no escândalo da corrupção presidencial brasileira. Os executivos da JBS são acusados de colocar milhões de dólares em contas para o presidente do Brasil. O escândalo ameaça derrubar mais do que apenas a administração no Brasil, à medida que permanecem as incertezas sobre a extensão pela qual aqueles que fazem os pagamentos podem ser afetados.

O presidente da JBS, Joesley Batista, em abril, chegou a um acordo de barganha, onde discutiu o suborno e os pagamentos feitos ao presidente brasileiro Michel Temer. Permanece muita incerteza sobre onde as investigações criminais levarão, e quais as penalidades e ramificações que ocorrerão como resultado do escândalo.

Enquanto isso, as exportações de carne bovina dos EUA estão crescendo, e essa é uma boa notícia para os preços do gado. No entanto, existem desafios significativos.

Um dos fatores que impulsionaram o aumento dos preços do gado foi o aumento do mercado de exportação, que teve ganhos de dois dígitos até agora neste ano. Embora a demanda por exportações de carne bovina tenha sido tremenda, continua a haver muita preocupação na comunidade exportadora.

A Austrália deverá se recuperar da falta de oferta, e eles desfrutam de importantes vantagens de acesso/tarifas em comparação com os produtos dos EUA, especialmente com a morte da Parceria Transpacífico (TPP). As renegociações do NAFTA também prometem colocar nossos dois maiores mercados de exportação em perigo.

Todos os detalhes sobre a reabertura do mercado chinês ainda surgiram, mas parece que a rastreabilidade não será um problema importante neste momento em termos de dificultar o acesso. A



China poderia ser uma grande vantagem para a indústria pecuária dos EUA, mas levará algum tempo para se desenvolver.

Os EUA permanecem em desvantagem competitiva com tarifas ou barreiras à carne bovina significativamente maiores para a maioria dos mercados em comparação com nossos concorrentes. Nossa carne pode ter melhor sabor, mas nossas desvantagens de preços atuais em relação aos países concorrentes de exportação continuam a nos colocar em desvantagem.

OIE declara Brasil libre de pleuroneumonía contagiosa bovina

29/05/17 - por Equipe BeefPoint

O Brasil foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), por unanimidade, como país livre da pleuroneumonia contagiosa bovina (CBPP em inglês). A certificação foi entregue na quarta-feira (24) durante a reunião anual da OIE, em Paris. De acordo com a OIE, "a concessão reflete a transparéncia e a qualidade do serviço veterinário do país".

"A declaração da OIE agiliza a negociação de acordos sanitários com outros países, e, consequentemente, a abertura de mercados, porque o Brasil não precisará mais declarar que o rebanho não tem esta doença", diz o secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Luis Rangel. Ele participou encontro junto com o representante do Brasil na OIE, o diretor do Departamento de Saúde Animal, Guilherme Marques.

Na avaliação de secretário, o reconhecimento da OIE é mais uma conquista da defesa sanitária animal. O próximo passo será declarar o Brasil como país livre da aftosa com vacinação, o que deve ocorrer em maio de 2018.

O secretário disse também que o Brasil já apresentou sua estratégia para retirada gradual da vacinação contra a aftosa. Mesmo com a vacina sendo um seguro tecnológico do rebanho, Rangel pondera que se o país for declarado livre da doença, é natural que seja planejada a retirada da imunização, o que reduzirá os custos de produção. Mas será uma transição feita com cuidado, assinala Rangel.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Frigoríficos de Mato Grosso são habilitados para abastecer todo Brasil

26/05/17 - por Equipe BeefPoint Em 30 dias, as indústrias frigoríficas que possuem o selo do Serviço de Inspeção Sanitária Estadual (Sise) poderão aderir ao Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Sisbi-Poa) por meio do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa). O anúncio foi feito pelo presidente do Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea-MT), Guilherme Nolasco, à diretoria da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat).

Há uma semana, a Acrimat protocolizou no Indea-MT um ofício solicitando celeridade neste processo de adesão ao Sisbi-Poa para garantir mais competitividade ao setor. Atualmente, 48,8% dos abates no Estado são realizados por um único grupo e 77% distribuído entre cinco empresas. De acordo com levantamento do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), outras 42 empresas abateram 22,9% do total de 2015.

O presidente do Indea, Guilherme Nolasco, contou que na última semana os fiscais do Mapa auditaram o sistema do Indea e em até 30 dias todos os ajustes solicitados deverão cumpridos.

O diretor-executivo da Acrimat, Luciano Vacari disse que a medida mostra sensibilidade do governo para a situação e o compromisso com o setor da pecuária.

Levantamento do Imea aponta que em Mato Grosso, 90% dos bates é realizado por empresa que possuem Selo de Inspeção Federal e que os frigoríficos com Sise representou 8,16% dos abates total.

Para o vice-presidente da Acrimat, Amarildo Merotti, a adesão vai fomentar toda a cadeia produtiva da carne. "Com a ampliação do mercado consumidor vai permitir que essas empresas de menor porte fortaleçam seus negócios, aumentando também demanda por animais para o pecuarista. E quem mais ganha com isso é o consumidor, que terá mais diversidade nas gondolas e com garantia de qualidade", afirma o produtor.

Endosso Nacional

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Blairo Maggi, declarou que o Ministério pretende estimular a participação de mais grupos no mercado de carnes. De acordo com o jornal Diário do Comércio e da Indústria (DCI), o ministro afirmou que as empresas grandes e fortes são importantes, mas que é preciso que haja uma predominância de pequenos.

Fonte: Acrimat, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Ministro Maggi sustuvo la reapertura de frigoríficos

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 2/06/17 O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) está conversando com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para ver se há possibilidade de liberar financiamento para reabrir frigoríficos fechados nos



últimos anos, disse o ministro Blairo Maggi nesta quinta-feira (1º), ao visitar a unidade industrial de carnes Alegra, no município paranaense de Castro.

"Estamos estimulando a reabertura de frigoríficos. Ontem mesmo, recebi a informação de que duas empresas pretendem reabrir algumas plantas em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Esse é um movimento importante."

Maggi destacou ainda as ações do Mapa na área de comércio exterior. "Temos trabalhado muito para abrir ainda mais o mercado internacional aos nossos alimentos." Segundo ele, os empresários também precisam se somar ao esforço do governo para ampliar os mercados.

O ministro também elogiou a unidade industrial de carnes, resultado da união das cooperativas Frísia, Castrolanda e Capal, que deu origem à marca Alegra.

"Esta planta é a mais moderna que tive a oportunidade de visitar até agora e indica o caminho a ser seguido, cada vez mais automatizado, com as pessoas interagindo mais com as máquinas e menos com os produtos. A chance de contaminação é sempre bem menor."

URUGUAY

Un toque de cautela en el mercado de haciendas

Junio 2, 2017 05:00 La frontera de US\$ 3 por kilo en el novillo resiste Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Tras siete semanas en ascenso y una semana de muy alta faena, el precio del ganado gordo se mantuvo estable esta semana, con muy pocas operaciones llegando a los US\$ 3 por kilo. La fuerte salida de ganado de campo hace a una importante disparidad en los precios a los que se cierran las operaciones, con novillos de campo de condición regular comercializados a US\$ 2,85.

El eje de las cotizaciones se mantuvo sobre los US\$ 2,95 para novillos bien terminados. En vacas la franja de ventas se da entre los US\$ 2,65 y los US\$ 2,70.

Las entradas se mantienen cortas, la compra sigue fluida y la salida de carne para la exportación también sigue en buenos niveles.

Máximo de faena vacuna

Eso es importante, sobre todo luego de una semana que marcó en la faena vacuna el máximo en el año, con un total de 53.676 animales, el más alto desde el 10 de diciembre de 2016, con 54.473 bovinos. El total faenado fue 28% superior al de igual periodo del año pasado, cuando la faena estaba en 42.062 animales.

También se alcanzó la mayor faena de novillos del año con 27.118. Y fue la tercera semana en el año donde esta categoría superó el volumen de vacas faenadas. La faena de novillos fue 31% mayor a la igual semana del año pasado. Eso parece confirmar una salida temprana de ganado gordo que alienta esperanzas de una posta de precios firmes.

Aunque la participación de las vacas en la faena disminuyó, se faenaron 25.406 cabezas, 25% más que las 20.332 de hace un año atrás. La faena de la semana pasada había estado por debajo de los 40 mil como consecuencia de los paros de la Foica, pero se vio compensada por la actividad en las otras semanas del mes y estimamos que el dato final de mayo volverá a ser mucho mayor al de mayo de 2016.

"Probablemente este año se faenen casi 2,4 millones de animales", destacó el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, en la clausura del 100º Congreso de la Federación Rural. Pero al mismo tiempo el Plan Agropecuario proyecta una caída importante en el stock de vacas, 63 mil menos respecto al año pasado. Un aumento, el proyectado, que prácticamente ya se ha alcanzado en los últimos 12 meses y que se sostendría con una faena en el segundo semestre de este año similar a la del pasado. En otro orden, el eje del precio de exportación de la carne uruguaya sobre los US\$ 3.400 se mantiene inamovible. En la semana cerrada el 27 de mayo el precio de exportación de carne vacuna promedió US\$ 3.477 por tonelada, 13% arriba de los US\$ 3.066 de la semana anterior.

En las últimas cuatro semanas móviles el valor promedio fue US\$ 3.306. En igual periodo del año pasado US\$ 3.476.

El mercado de reposición se mantiene una estabilidad que ubica al ternero con un piso de dos dólares por kilo vivo y un promedio en el entorno de US\$ 2,15. Las vacas de invernada cayeron un poco por debajo de los US\$ 1,20.

La mejora en los pronósticos del tiempo con varios días soleados da margen de maniobra al productor, que podrá pastorear sus ganados, y también a la industria, que podrán conseguir mayor oferta de ganado gordo disponible.

Productores siguen firmes con pago en tercera balanza

29/05/2017 - Aseguran que falta transparencia en el proceso de faena.



La Federación Rural no abandonó la idea de impulsar el pago del ganado gordo en tercera balanza (antes del dressing o retoque de la media res durante el proceso de faena). Así lo reafirmó el presidente del gremio, Jorge Riani, en lo que fue su discurso de clausura del centenario congreso en Lascano.

“Vamos a defender el pago del ganado en tercera balanza mientras no haya transparencia en la faena”, afirmó Riani. Asimismo acentuó la necesidad de mejorar el relacionamiento entre la industria frigorífica y los productores, pidiéndole a los industriales que trabajen “junto a los productores para bajar los costos”, porque según advirtió “no son los productores los enemigos”.

La gremial afirmó en Lascano su compromiso de “trabajar en la formación de una cadena cárnica”, donde se debe “tirar desde arriba”.

A pocos días de finalizar el quinto mes desde que se implementó el decreto que regula el dressing — emitido el 2 de enero de 2017— desde la Federación Rural se aseguró que los rendimientos han “cambiado en algo”.

Crecieron 30% las colocaciones de carne uruguaya en la cuota 481

01 de junio de 2017 En el acumulado del ciclo 2016/2017 (julio-junio) las exportaciones uruguayas de carne dentro de la cuota 481 de la Unión Europea aumentaron más de 30% respecto a igual período del año agrícola anterior. Así surge de los datos del Instituto Nacional de Carnes a los que accedió Ganaderia.uy.

Entre el 1 de julio de 2016 y la semana cerrada el 26 de mayo las colocaciones dentro de la cuota 481 totalizaron 15.071 toneladas, un volumen 32,9% superior a igual fecha del año pasado. El precio promedio en este ciclo comercial fue de US\$ 8.962/ton, una baja de 2,4% frente a los US\$ 9.180/ton de igual período de la campaña 2015/2016.

En tanto, las colocaciones dentro de la cuota Hilton hasta el 26 de mayo llegaron al 96,8% del cupo contra el 93,2% de igual período del ciclo anterior. En Estados Unidos –con una cuota que de cumple en el año calendario- las exportaciones llegaron a un volumen equivalente al 55,1% de la cuota contra el 44,1% de igual fecha de 2016.

Apertura de Japón para la carne vacuna fresca “está avanzando”

01/06/2017 - Desean que se concrete en los próximos meses.

La Embajadora de Japón en Uruguay, Keiko Tanaka, dijo que el proceso de evaluación para la autorización de la importación de carne uruguaya a su país “está avanzando y es el deseo que en los próximos meses pueda concretarse” la reapertura de Japón para la carne bovina fresca, desosada y madurada.

Tanaka agregó que el común de los ciudadanos japoneses aprecia mucho su propia carne, pero se caracteriza por tener mucha grasa intramuscular y “eso hace que no se pueda comer en mucha cantidad, así que preferiría que Uruguay siga exportando las carnes en base a pasto”.

La representante del gobierno nipón en Uruguay explicó que el grupo que se instaló en Durazno “es el número uno de Japón en el rubro cárnico, por lo cual, que haya decidido invertir en Uruguay, como Embajadora me complace mucho”. Según la visión de la diplomática, “la inversión significa que “valora mucho la calidad de la carne uruguaya y también la infraestructura de BPU”.

Por su parte, el subsecretario de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech reflejó la esperanza del gobierno uruguayo en la pronta reapertura. “Hemos hecho muchos esfuerzos, hemos presentado toda la documentación, pero tenemos la convicción de que podemos respaldar todo lo que dijimos y mostrarlo en los hechos. Les dijimos vengan y vean”, afirmó Benech.

Autoridades a la espera de “noticias promisorias” para la apertura de Japón.

31/05/2017 - Inversión japonesa “es gratificante pero muy desafiante”, aseguró MGAP

Nipponham Group comenzará a operar el cien por ciento de frigorífico BPU. Foto: Rurales El País.

La llegada de capitales económicos y culturales desde Japón que apuesten a la industria de la carne es “gratificante pero muy desafiante”, debido a que ocurrió en un contexto donde los actores públicos y privados del sector agroexportador esperan inquietantes la apertura del mercado nipón.

El ministro (i) de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, dijo a Rurales El País, en el marco de la presentación de las nuevas autoridades del Grupo Nipponham, que Uruguay necesita nuevas inversiones extranjeras que contribuyan al “crecimiento y desarrollo” de la producción. “Hacemos una valoración muy positiva”, aseguró sobre la compra de frigorífico BPU.

Benech explicó que se está transitando la última etapa de habilitación del mercado japonés para la colocación de carne vacuna, pero señaló que si viene un grupo de ese país, que tiene un “mercado importante, diferenciado y paga buenos valores; demuestra que somos buenos produciendo y el interés es real”.



Hasta el momento no se han manejado plazos para la apertura; sin embargo, todos los pedidos fueron cumplidos de forma satisfactoria. El subsecretario de Estado afirmó que se está a la espera de las "buenas noticias" con la esperanza de que sean "promisorias".

Más faena y menos stock

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Junio 2, 2017 La alta participación de vacas reducirá las existencias del rodeo de cría, aspecto que limita la producción futura

Uruguay tendrá en este año la mayor faena de vacunos desde 2006 y la segunda mayor de la historia. Pero hay poco para festejar en ese dato, que es impulsado principalmente por un aumento en la faena de vientres. Es decir, es un aumento poco sostenible.

De acuerdo a las proyecciones del Instituto Plan Agropecuario (IPA), el stock de vacas de cría caerá por segundo año consecutivo, al tiempo que se mantiene fuerte la exportación de ganado en pie.

Es decir, si las tendencias se mantienen se compromete la producción futura y es una advertencia más de que algo no está funcionando bien en el agro, o en la economía.

Esto se suma a la baja en el stock ovino, a la caída en el área de trigo y a una lechería que está lejos de los niveles productivos que supo tener en años anteriores.

Menos vacas y terneros

De acuerdo a las proyecciones que realiza el ingeniero agrónomo Esteban Montes, del IPA, la población vacuna al terminar junio de este año habrá bajado en 344 mil animales respecto a la de mediados de 2016. La disminución del stock en vacas y terneros explica la mayor parte del descenso.

En efecto, la población de terneros bajaría en 174 mil, desde 2,71 millones a 2,54 millones de animales.

Este descenso tiene dos motivos. En primer lugar, hubo una mala parición en la primavera de 2016 como consecuencia de condiciones de sequía en el centro y este del país dos veranos atrás.

Y, por otro lado, la salida de terneros en pie que se mantiene intensa y erosiona la disponibilidad de ganado para faena. De modo que será difícil que al 2020 puedan sostenerse los actuales niveles de faena.

Por otra parte, y en el mismo sentido, la población de vacas de cría cae por segundo año consecutivo y también pone un manto de duda sobre la faena futura. La caída de 2016 fue mínima, pero de acuerdo a las proyecciones del IPA el descenso de 2017 ya sería más significativo.

De modo que si la baja cantidad de terneros limita la faena futura, pero solo por un año, la caída de la cantidad de vacas puede limitar la recuperación de mediano plazo si continuara.

Por ahora la faena de vientres viene en un ascenso incesante y la duda que se abre es si empezará a bajar en el segundo semestre por un lado y, por otro, si bajará lo suficiente como para recomponer el stock.

En cierto sentido hay un paralelismo con lo que pasa con el stock ovino: los números en principio no son malos ni para la cría de vacunos ni para la cría de ovinos. Pero la cantidad de vientres vacunos y ovinos va en baja. La fábrica se va achicando.

Muchos productores ven en esto una señal estructural de altos costos que lleva a que muchos productores recurran a las vacas para hacer caja. Porque los precios de vacas y terneros son relativamente buenos en dólares pero la conversión a pesos es peor que el año pasado. Otros ven en esta tendencia los primeros indicios del avance de la forestación. Aunque la ganadería convive con los árboles, lo hace a cargas menores.

En particular, en el caso de los vacunos el lado positivo es que se da un cierto crecimiento en la faena de novillos, que son la demostración genuina de crecimiento. La faena de novillos aumentó y el peso de faena ha crecido este año respecto a 2016.

Pero en los novillos aparece otro indicador preocupante: sigue aumentando la cantidad de novillos de más de 3 años. Aumentan 10%, o 58 mil animales. Y van en aumento desde 2013.

Muchos productores están bajando costos y dejando que sus novillos engorden al ritmo que se pueda. Si se cumplen las proyecciones del IPA, la población de esta categoría que estaba por debajo de 400 mil animales en 2013 quedará por encima de 600 mil. Algo que sería llamativo porque la faena de novillos está unos 100 mil animales por encima que el año anterior.

Las proyecciones

En lo que va del año, la actividad de la industria frigorífica se mantiene muy fuerte, 14% por encima de los niveles del año pasado. Las buenas lluvias, el creciente uso de grano, son algunos de los factores que promueven el crecimiento

Esteban Montes relativizó el impacto de la alta faena de vacas por la importante cantidad de vaquillonas que hay en los rodeos, fruto de las altas pariciones de 2015 y 2016. Es posible que las buenas condiciones climáticas que la ganadería ha disfrutado en los últimos meses permitan sostener una faena elevada.



Un leve descenso de la cantidad de vacas de invernada permite suponer que la actividad de la industria debería estabilizarse cerca de los actuales niveles. Las vacas de invernada pasan de 490 mil a 460 mil.

En síntesis: en el año agrícola la faena de vacas cerrará en 1,2 millones. La de novillos en 1,13 millones. La faena total, cercana a los 2,4 millones, estará unos 200 mil vacunos por encima de la del año anterior, a lo que se suma el aumento de las exportaciones en pie y el descenso en la parición.

Si a la baja de los vacunos se suma la que han tenido los ovinos, el panorama de la ganadería es como para preocuparse. ¿Son los primeros síntomas de cambios estructurales que llevan a que la ganadería y la exportación de carne en particular pierdan peso en la economía uruguaya? ¿La baja en el stock y la derivada baja o al menos estabilización de la oferta pueden llevar a una situación de precios más tonificados en lo que queda de esta década? ¿Eran una utopía los tres millones de terneros de producción por año?

La faena de la semana pasada fue la mayor del año. En buena medida las respuestas a dichas preguntas estarán dadas por la evolución de la actividad y los precios ganaderos en los próximos meses. Las cotizaciones se mantienen por encima en dólares respecto a las del año pasado, aún con una situación de oferta importante.

Por otra parte, el alivio de la carga resultante de la caída de la población de vacunos y ovinos puede permitir un mejor desempeño de la cría de vacunos en el próximo entore. Es posible que los ganados lleguen en buen estado al final del invierno, puedan amamantar a sus crías en la primavera con un buen estado corporal y se preñen en una proporción importante en el verano, que puede ser neutral o Niño débil, por lo tanto por ahora con un riesgo bajo de sequía.

Con un contexto de precios internacionales estables, la lógica de precios puede depender más de la oferta que de la demanda. Excepto que la apertura del mercado de carne para Japón y de ganado para Egipto marquen una diferencia con las condiciones actuales en el segundo semestre.

Entre las preocupaciones que surgen de un stock de vacas de cría y terneros bajando –y lo alentador del crecimiento en la faena de novillos y la fluidez para exportar en pie– transita una ganadería que busca retomar una senda de crecimiento que por ahora, a la luz de los números del stock proyectado, no aparece clara. La faena sube, el stock baja. La preocupación se mantiene.

La ganadería suma una previsible luz amarilla y una verde esperanza

Por Eduardo Blasina 1 de junio de 2017 Las proyecciones de stock que hace el Ing. Esteban Montes en el Instituto Plan Agropecuario ratifican algo bastante previsible: una tan alta faena de vacas se traduce en un menor stock de vacas de cría. En su estimación, unas 65 mil vacas menos, que con las tasas de parición de Uruguay significan unos 40 mil terneros menos para el 2018. El agro ya da varias señales de dificultades: en el arroz, el trigo y la lechería. Pero la ganadería no es la excepción.

En el stock presente la medición de terneros ajustada, 2,5 millones, una caída de casi 200 mil respecto al año anterior. Sumado a una faena de vientres por encima del punto de equilibrio dan a entender que hay una amenaza pendiente sobre la producción futura de carne de Uruguay.

Y la contrapartida, un aumento en la cantidad de novillos de más de tres años, reflejo de la necesidad de bajar costos. Se baja costos engordando más lento y se cubren los altos costos faenando más vacas de las que dan estabilidad numérica al rodeo. Y como el costo de procesar novillos es muy alto, se van muchos terneros en pie.

Los datos preliminares del entore pasado muestran una recuperación muy parcial en las tasas de preñez. Por ahora se mantiene la expectativa de que el próximo entore sí sea el que permita una buena parición en la primavera 2018 y en alto número de terneros para el otoño 2019. Pero un alto porcentaje que puede ocurrir sobre un stock de vacas más reducido.

De 12 millones de vacunos se estaría bajando a 11,7 millones. De 2,7 a 2,5 millones de terneros, 60 mil vacas de cría menos, son a nuestro entender los datos más preocupantes. Con el antecedente de la baja que tuvieron los ovinos y la expansión de la forestación, los números son como para seguirlos con atención.

De todos modos, no es cuestión de dramatizar. La faena de novillos crece genuinamente y una menor oferta debería llevar a precios más firmes en el segundo semestre de este año y tal vez en el mediano plazo.

Al mismo tiempo empieza a operar una empresa japonesa en la planta de BPU, probablemente la más importante del país. Japón es un país que lleva la honestidad impregnada en su cultura, tanto que la policía tiene el problema de no tener ya más delitos que enfrentar. Es el mercado más exigente y posiblemente el que permite un mayor agregado de valor potencial. Abre la posibilidad de que entre un actor con una cultura nueva y removedora a la ganadería uruguaya.

Recomendamos leer, no porque sea un país perfecto, pero al menos por ser un país muy interesante:



Diferencia de precio impide exportación de animales en pie a Egipto Hay interés de importar carne vacuna.

Mayo 29, 2017 Las ventas de ganado en pie a Egipto que últimamente se habían detenido y la colocación de otros productos de origen agropecuario, figuran como temas de relevancia en la agenda de la misión oficial que se cumple esta semana a ese país, destacaron a El Observador los representantes del sector ganadero que integran la misión.

La comitiva encabezada por el presidente Tabaré Vázquez, realizará gestiones importantes para incrementar el balance comercial más allá de las ventas de ganado en pie. También tienen posibilidades otros rubros como la carne y los lácteos, resaltó por su parte el pasado sábado en el marco del congreso de la Federación Rural en Lascano Rocha, el ministro de Ganadería, Tabaré Aguerre.

La actividad que tendrá lugar entre miércoles 31 y viernes 2, contará en esta oportunidad con la participación de un representante de los productores a través del presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino. Además integra la delegación el presidente de la Asociación de Exportadores de Ganado en Pie, Alejandro Dutra.

Interés de privados

La presencia de los representantes privados será también importante para apoyar las gestiones con el fin de reiniciar las negociaciones en materia de ganado vivo, que luego de una buena corriente comercial desde hace más de un año se había visto paralizada.

Si bien se mencionaron inconvenientes sanitarios nunca se pudo confirmar oficialmente este punto dijo Dutra a El Observador, quién agregó que los negocios habían perdido continuidad con ese mercado en virtud de negocios más atractivos que se generaban con Turquía..

Aguerre informó por su parte que varios frigoríficos ya han sido inspeccionados por la autoridad sanitaria egipcia y que no han existido inconvenientes para encaminar negocios en materia de carnes, por lo cual resta definir aspectos relacionados con el ritual que se debe cumplir en las faenas.

01/06/2017 - Pablo Zerbino, presidente de la Asociación Rural del Uruguay, y Alejandro Dutra, presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, junto a autoridades egipcias.

El presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino, aseguró a Rurales El País desde Egipto que no ve "ningún impedimento serio" para que no se pueda retomar la exportación de ganado en pie a ese país. Dijo que es "un tema de precios, fundamentalmente".

Zerbino, que participa de una misión oficial encabezada por el presidente de la República Tabaré Vázquez, y otras autoridades como el ministro de Ganadería Tabaré Aguerre, y el Canciller Rodolfo Nin Novoa, además de integrantes de privados; comentó que "llama la atención" el interés de Egipto para que el "negocio continúe de la mejor forma".

En una nota publicada por Rurales El País, se informó que hace más de un año Egipto canceló la liberación de permisos para importar ganado en pie desde Uruguay porque se envió un embarque de ganado de carne junto a unas 400 vacas de razas lecheras que dieron positivo a leucosis. Zerbino explicó que el mercado está trancado pero hay buen interés de solucionar la problemática.

Además contó que hay interés en volumen por ganado de razas lecheras, carne y granos. "Hay datos concretos para que se avancen los negocios por carne vacuna", confirmó el presidente de la gremial, quien afirmó que el potencial para los productos uruguayos es muy bueno y permite seguir buscando la inserción internacional que tanto necesita el país en este momento.

Se concretó el traspaso del frigorífico BPU al grupo japonés NH Foods

Mayo 31, 2017 El manager general de NH Foods (Nipponham Group), Hiroi Okoso, dijo que como nuevos propietarios del frigorífico Breeders & Packers Uruguay (BPU) buscarán "que la carne uruguaya sea tan potente (en los mercados) como ya es el fútbol".

En el acto de consolidación del negocio de compra, realizado esta mañana en el hotel Santa Cristina, en las afueras de la ciudad de Durazno y a pocos kilómetros de la planta industrial, los nuevos dueños del BPU reconocieron la calidad de la carne y el prestigio de Uruguay en los mercados mundiales.

El grupo NH Foods, que pagó US\$ 135 millones por el BPU en la operación más grande en la industria frigorífica del país, anunció que "potenciará los negocios del BPU para seguir produciendo carne de calidad".

Por otra parte, el ministro interino de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Enzo Benech, reconoció la labor desarrollada en el BPU por Terry Johnson, el empresario inglés que ahora vendió del frigorífico y que no llegó al país para el traspaso por encontrarse enfermo.

Benech elogió la inversión tecnológica que hizo Johnson en el BPU para instalar una industria del primer nivel, en sintonía con el desafío del MGAP de cuidar la producción y la industria ganadera respetando el medio ambiente. "Los negocios siempre son de a dos", acotó, el jerarca ante un público conformado por autoridades, productores e industriales.



Por último, el gerente de BPU, Daniel de Mattos, señaló a *El Observador* que la compra del frigorífico por el poderoso grupo japonés, que llega por primera vez a Uruguay, es un reconocimiento a las fortalezas que tiene el país, como la sanidad y la trazabilidad del ganado, que "serán el sostén en la operativa de negocios de la nueva empresa para seguir creciendo".

PARAGUAY

El bajo crecimiento del hato ganadero preocupa a la ARP

28/05/17 Preocupa al sector ganadero el bajo crecimiento de la población bobina de cara a la posibilidad de constituirse el instituto paraguayo de la carne. Así se pronunció el presidente de la comisión de carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), ingeniero Carlos Pedretti, en el panel sobre posicionamiento de la carne paraguaya, realizado el viernes último en la sede de la ARP.

El objetivo del instituto paraguayo de la carne tiene que ver con la promoción y posicionamiento de la carne paraguaya en el mercado mundial, así como la capacitación para mejorar la producción de terneros. "El crecimiento de la población bobina es uno de los temas que nos preocupan para el futuro instituto paraguayo de la carne. Este es el crecimiento: En el 2008 estábamos con cerca de 11 millones de cabezas y estamos proyectando, con un crecimiento del 3% anual, nuestro hato ganadero, que bajó un poco en los últimos dos años, puede retomar y llegar a 17 millones de cabezas en el 2025", expresó.

Sin embargo, teniendo en cuenta la cifra del año 2008 (11 millones de cabezas), la capacidad de faena en esa época era del 10% del hato. "¿Qué pasaría si no empezamos a capacitar a los productores y no hacemos lo que tenemos que hacer? Nuestro hato ganadero, que figura en el 2017 con 13.700.000 cabezas, puede ir bajando a un ritmo de 3% anual, y así en el 2025 vamos a estar en apenas 10 millones de cabezas, que sería mucho menor de lo que teníamos en el año 2008", puntualizó.

"Entonces, es un tema preocupante que solo va a cambiar con la implementación de políticas adecuadas para el desarrollo del hato ganadero", recalcó Pedretti.

Se refirió también al crecimiento logrado en exportación de carne y lo que eso significa para el país.

Expuso en ese sentido que en el año 2003 se exportaron 186.000 toneladas por año y que en los últimos dos años se llegó a casi 400.000 toneladas. "Es un crecimiento impresionante. En dinero pasamos de 124 millones de dólares en el año 2003, hasta 1.240 millones, con un pico de 1.680 millones de dólares hace dos años", afirmó.

Recordó que Paraguay en el año 2016 pasó a ser el séptimo exportador mundial de carne. "Ya no somos anónimos en el mundo de la carne", concluyó.

Instituto de la carne: abren tregua para buscar consenso

31 de Mayo de 2017 Posturas claramente antagónicas expusieron ayer la Asociación Rural del Paraguay y la Cámara Paraguaya de la Carne en una audiencia pública en la Cámara de Diputados, respecto al proyecto que crea el instituto paraguayo de la carne. Finalmente, se acordó una tregua de 60 días para buscar consenso.

La Comisión de Agricultura y Ganadería de la Cámara de Diputados llevó a cabo ayer una audiencia pública para discutir la conveniencia o no de la creación de un instituto paraguayo de la carne. Asistieron directivos de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), de la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC), otros productores e industriales del sector, representantes de Senacsa y diputados miembros de la comisión asesora.

La posición de la ARP, que impulsa la creación del instituto, fue expuesto por Carlos Pedretti. Este exhibió varios gráficos con cifras respecto a la exportación de carne al mercado mundial y los beneficios que significaría para la cadena productiva de la proteína roja contar con un instituto que certifique la calidad de la carne y presentarla de forma más competitiva.

Por su parte, Luis Pettengill, de la CPC, se encargó de refutar los argumentos de la ARP y recalcó que la posición unánime e intransigente de los 13 frigoríficos de carne vacuna, uno de cerdo y dos de pollo, de rechazo a la creación del instituto.

En el debate afloraron situaciones que afectan a la producción pecuaria, como la disminución del hato ganadero, la negativa de aportar dinero para el funcionamiento del instituto, la necesidad de que la carne cuente con una certificación independiente, entre otros.

Ante la insistencia de los diputados de que se busque armonizar las posturas, desde la CAP, manifestaron estar abiertos al diálogo, pero condicionado a que la ARP retire el proyecto de ley. Los diputados respondieron que eso es imposible, ya que el proyecto fue avalado por 11 legisladores.

El titular de la comisión asesora, Edgar Ortiz, ironizó de que entre la ARP y la CAP hay un concubinato de hecho y que lo que se busca es limar diferencias para lograr un casamiento con la creación del instituto de la carne.



Finalmente, la ARP planteó una prórroga de 60 días para buscar el consenso. La propuesta fue aceptada. El diputado Ortiz de nuevo ironizó, abogando porque al final se llegue a un acuerdo y "todo el mundo esté feliz".

País libre de fiebre aftosa

El Paraguay es libre de la peste porcina clásica y de la fiebre aftosa, según certificación otorgada por la Organización Mundial de Salud Animal (OIE), ratificaron ayer Marcos Medina, viceministro de Ganadería, y Hugo Idoyaga, titular de Senacsa. Fue en Muruvicha Róga luego de una reunión que ambos mantuvieron con el presidente Horacio Cartes. Las certificaciones fueron otorgadas a nuestro país en la última sesión general de la OIE, realizada en París, Francia, la semana pasada, evento del que participaron ambos. Medina dijo que la constancia de país libre de fiebre aftosa, con vacunación, unificó "las dos zonas libres que ya poseía" Paraguay, y que este aval de la OIE abrirá más mercados a la carne.

Técnicos de Hong Kong verificarán frigoríficos

02 DE JUNIO DE 2017 Técnicos sanitarios de Hong Kong iniciarán a partir del lunes 5 una auditoría en nuestro país para verificar las condiciones sanitarias de frigoríficos que podrían ser habilitados para la exportación de carne bovina a esa región del Asia, informó ayer Senacsa.

La delegación asiática que vendrá a Paraguay integran la señora Abigail HO, oficial veterinaria; Johnny KWOK, oficial de campo, y Edmond NG, jefe inspector de higiene, todos de la Sección Salud Pública Veterinaria del Centro de Seguridad Alimentaria.

Esta visita fue pactada en marzo pasado ocasión en que una comitiva pública-privada de nuestro país se reunió con autoridades sanitarias de Hong Kong. En ocasión de la reunión de la OIE en París, Francia, también hubo un encuentro entre las partes. Esta región asiática es el sexto mayor importador de carne bovina del mundo, con un volumen de compra de 375.000 toneladas anuales. Este volumen representa un valor de casi U\$S 1.500 millones por año, según los datos.

En nuestro país este mercado es considerado una alternativa importante para la cadena de valor cárnica del Paraguay para diversificar los mercados al tiempo de mejorar el posicionamiento de la proteína roja en esa región asiática.

La auditoría se iniciará el lunes 5 con una reunión de apertura con autoridades del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) presidido por Hugo Idoyaga. Ahí serán informados del funcionamiento de la infraestructura sanitaria, la industria de carne vacuno y el control de la inocuidad de los alimentos.

El martes visitarán el frigorífico de la Cooperativa Neuland, en Villa Hayes; el miércoles San Pedro; jueves Cooperativa Bergthal Ltda. de Caaguazú; viernes la planta procesadora de Cencoprod Ltda. de Villa Hayes, y por la tarde una reunión en el local de Senacsa como última jornada.

UNIÓN EUROPEA

Lanzan plataforma de bienestar animal

Next Tuesday (6 June 2017) Commissioner Andriukaitis, in charge of Health and Food safety, will address members of the EU Platform on Animal Welfare at its inaugural meeting. The Platform has been set up to coordinate actions related to animal welfare and to share best experiences by relevant stakeholders. Commissioner Andriukaitis said: "I expect the Platform to be a true engine for real and concrete progress in the area of animal welfare in the EU. We can achieve this if all the actors make every effort to better implement the existing rules and commit to concrete improvements on the ground." The EU Platform on Animal Welfare brings together all relevant stakeholders involved in the field of animal welfare: business and professional organisations, organisations from civil society, independent experts from academic and research institutes, EU and European Economic Area Member States, the European Food Safety Authority and relevant international intergovernmental organisations. The Platform's main objectives and desired outcomes are, first of all, the better application of EU rules on animal welfare, through exchanges of information, best practices and the direct involvement of stakeholders. Secondly, the development and use of voluntary commitments by businesses to further improve animal welfare. Finally, the Platform intends to focus on how to promote EU animal welfare standards better in order to increase the market value of the Union's products globally. At the inaugural meeting, the members will discuss how the Platform can contribute to better implementation and understanding of EU legislation on animal welfare at national, European and global level, and share good practices and professional experiences.

ESTADOS UNIDOS

EEUU: ingreso de ganado a corrales en abril fue el máximo en 14 años

01 de junio de 2017 En Estados Unidos el ingreso de ganado vacuno a feedlots en abril llegó al mayor nivel para ese mes en 14 años, según los datos divulgados por el Departamento de Agricultura (USDA). El dato superó las proyecciones de los analistas.



Fueron 1,848 millones 11% superior a abril de 2016. El mayor ingreso a corrales para el mes desde abril desde 2003 cuando fue de 1,870 millones de cabezas. La proyección promedio de los analistas consultados por Reuters era de 1,777 millones de cabezas.

Al 1 de mayo había en los feedlots 10,998 millones de cabezas, 2% por encima de un año atrás cuando los analistas esperaban un aumento de 0,8%. El USDA informó que en abril se comercializaron 1,703 millones de animales desde los corrales, un aumento de 3% respecto a igual mes del año pasado. El mercado –según Reuters- esperaba un incremento de 1,8%.

Esa firmeza de la demanda ha generado mayores precios del ganado lo que aumentó los márgenes de los feedlots e incentivó la compra de animales por parte del sector de corrales. "El reporte remarcó la idea que vamos a tener un poco más de oferta de ganado esperando por nosotros", dijo a Reuters el jefe de analistas de Allendale, Rich Nelson. Agregó que los precios del ganado vendido desde los corrales –que llegaron a máximos en más de un año en regiones de las Planicies estadounidenses- regresó el entusiasmo a los operadores de los feedlots.

Según el Centro de Información de Comercialización de Ganado, en abril los feedlots registraron una ganancia de US\$ 190 por los novillos vendidos a la industria contra un nivel casi cero de igual mes de 2016.

Negocian con CHINA condiciones de la apertura

02 June 2017 US & CHINA - US Department of Agriculture officials are scheduled to meet their counterparts in China next week as both nations prepare for the resumption of US beef exports to the mainland on 16 July.

In May, the US reached new trade deals with China that at least partially open market access for a variety of industries, including beef, financial services and energy.

"I expect that the talks will focus on the final details of the access protocols (requirements) for US beef and perhaps any remaining issues related to plant certifications," Derrell Peel, a professor at Oklahoma State University told China Daily in an email on Wednesday.

He believes that China will insist on some requirements for US beef.

"I expect that access will have requirements for source verification as well as the exclusion or limitations of production technologies, especially beta agonists (growth promoting feed additives such as ractopamine) and possibly synthetic growth hormones," Professor Peel said.

It appears that Beijing is likely to require producers to document the locations where cattle raised for export to China are born and slaughtered, according to the USDA.

Ted Schroeder, a professor of agricultural economics at Kansas State University, said the lifting of the ban will be an important development for the US beef industry.

"US beef is produced for a higher quality, higher marbling market than the mostly grass fed beef produced by China's existing major import country sources," Professor Schroeder said in an email. "Canada is the only significant supplier to China of higher quality grain fed beef and the market potential for supplying grain fed beef to China from the US will gain momentum."

Professor Schroeder said if US exports to China increase quickly, US beef prices would increase a bit until the beef supply is adjusted.

"Once US beef producers respond to these increased prices for cattle resulting from the exports and expand cattle production, the US consumer would see prices largely return to levels prior to the export market development," he said.

Professor Peel said that he doesn't expect a specific quota or legal limitation to US beef imports, but he believes that the requirements China places on US imports will inherently limit the amount of US beef in China.

"I believe the Chinese market has very significant potential for US beef in the long run, but will be a work in progress and something of a moving target initially," he said.

Professor Schroeder said Australia, New Zealand and Uruguay are the largest beef exporters in China now. China banned US beef in 2003 after an incident of bovine spongiform encephalopathy (BSE) or mad cow disease in the state of Washington.

TheCattleSite News Desk

31 May 2017 - US beef exports are set to resume as part of the Sino-US economic cooperation 100-day action plan unveiled in mid-May.

Chinese Vice-Finance Minister Zhu Guangyao disclosed that China plans to resume imports of US beef by 16 July, exactly 100 days after Chinese President Xi Jinping met US President Donald Trump in Florida.

US Commerce Secretary Wilbur Ross and White House Press Secretary Sean Spicer welcomed the agreement at a news conference.

Meanwhile, Australia, China's top beef importer, is watching the beef market with great concern. Several Australian media outlets even reported plans to support industries related to beef export in the country.



Statistics showed that last year the gap between supply and demand in domestic beef market was 830,000 tons, which is expected to be filled as US beef re-enters the Chinese market.

Gao Guan, vice-secretary-general of the China Meat Association, told National Business Daily that price is one of the biggest competitive advantages of US beef.

Due to the low cost of raising cattle, the final retail price of US beef in China is still lower than domestically-produced beef even plus tariff and added-value tax. "No matter how the beef market changed, the biggest winner will be customers."

China banned US beef in 2003 after a case of bovine spongiform encephalopathy (BSE), or mad cow disease, in Washington state. Since the ban was introduced, China has experienced a beef boom.

Ministry of Agriculture data shows that 8 million tons of beef was consumed last year, with a market value of 360 billion yuan. In 2016, beef output rose 2.4 per cent to 7.17 million tons from 7 million tons a year earlier. The gap between demand and supply was 830,000 tons.

China is filling the gap by increasing imports. Last year, 600,000 tons of beef was imported, a 22 per cent increase from a year earlier.

China's enormous beef market has prompted Brazil and Australia to try to increase their market share amid fierce competition.

According to MIG Group, Brazil became China's biggest beef importer in January last year, with market share rising to 33 per cent from 13 per cent in 2015.

Australia is suffering from a drought that is hurting beef production. Last year, the export value of Australian beef to China fell 40 per cent to A\$670 million (\$499 million).

TheCattleSite News Desk

USMEF organize visita de importadores de Vietnam, Singapur y Filipinas

02 June 2017 US - To connect exporters and importers and create interest in alternative cuts of US beef and pork, USMEF hosted 11 leading meat buyers from the ASEAN region for an educational tour of packing plants in Colorado and Iowa.

The team's visit, which also included a stop at a cow-calf operation and face-to-face meetings with packers and traders, was funded by the USDA Market Access Programme (MAP), the Beef Checkoff Programme and the Pork Checkoff.

"These buyers are from countries with growing red meat consumption, including Viet Nam, Singapore and the Philippines, so we wanted them to have the opportunity to get a better understanding of how meat is produced in America," said Sabrina Yin, USMEF ASEAN director.

"Team members, many of whom were making their first trip to the US, met with packers, fabricators and traders to discuss business opportunities and communicate their company's needs, strategies and current challenges. We were able to give them a look at each step of the process – from production, slaughter, to processing and fabrication of US beef and pork."

ASEAN meat buyers heard an overview of the US red meat industry on a visit to USMEF headquarters in Denver

Among the topics highlighted were the availability and value of alternative cuts – those US red meat cuts that are commonly underutilized in the domestic market and have potential for profitability overseas.

"Our hope is that these meat buyers will go back and share this information with their customers and we will see an increase in demand for the alternative cuts," explained Ms Yin.

Additional information was shared on the team's visit to USMEF headquarters in Denver, where the buyers heard an update on the US beef and pork industries by USMEF Director of Market Access and Export Services Travis Arp. Jessica Spreitzer, USMEF trade analyst, provided the latest red meat export statistics. Other stops in Colorado were at Colorado Premium, a meat purveyor based in Greeley, and the Cargill beef processing plant in Fort Morgan. The team also visited the cow-calf operation of Kevin Ochsner in Kersey and the Magnum Feedyards in Wiggins.

In Iowa, stops were made at Iowa Premium in Tama, Pine Ridge Farms in Des Moines and the JBS processing facility in Marshalltown. Team members also learned about the quality of feedgrains at a meeting with Iowa Corn in Johnston and visited retailers in Des Moines to learn about meat case presentation.

To give the ASEAN buyers an opportunity to meet with US exporters, USMEF held Meet the Buyers events in West Des Moines.

Ms Yin noted that USMEF recognizes how trade visits broaden and strengthen the connection between US meat suppliers and meat buyers from around the world.

"We packed a lot of information into the trip, but the buyers were rewarded with a greater knowledge of the US red meat industry that will be of help to their everyday operations back home," said Ms Yin.

"The experience and knowledge will also help each team member assess the products offered by our competitors. The reaction to the trip was that these buyers are looking forward to building a better business relationship with US beef and pork exporters."



TheCattleSite News Desk

Mayor faena de novillos y vaquillonas

02 June 2017 US - Steer and heifer slaughter in the US under Federal Inspection (FI) last year totaled 24.2 million head, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Marketings from feedlots with capacities over 1000 head accounted for 20.9 million of that slaughter. The other components of total steer and heifer harvest are imports for immediate slaughter and steers and heifer marketed from feedlots with smaller capacities or directly off of pasture.

Last year, cattle imports for immediate slaughter (mostly from Canada) totaled about 550,000 head, leaving the remainder of FI steer and heifer kill (close to 2.8 million head) to come from the residual category of small feedlots and pastures. The annual tally from this "residual" category was the most since 2013, falling short of that year's total by 40,000 head.

Trends in steer and heifer slaughter sourced from smaller feedlots and pasture have mirrored the size of the calf crop with a lag of a year or two to reflect the grow out period of the animal. Pasture conditions and cattle industry incentives affecting the decision to expand or contract the breeding herd also come into play.

Last, and not least, the desire of the commercial cattle feeding industry to place cattle into their feedlots defines how many cattle will be left for the smaller cattle feeding operations. Traditionally, smaller cattle feeders have been grain farmers that saw cattle feeding as a way to market grain in years when grain prices were low (usually when corn harvest was abundant).

During the first three months of this year, "residual" steer and heifer slaughter has averaged about 25,000 head per month above a year ago. At this pace, this sector of cattle slaughter would be the largest since 2010 and about the same as 2011. Percentage-wise, this would be a 10-15 per cent increase from last year.

Last summer, when the cattle that were marketed during the first quarter of this year were being put into feedlots, large commercial feedlots placed 5 per cent more cattle than the prior summer. This followed a 7 per cent year-over-year increase during the spring quarter.

Meanwhile, calf prices last summer were down 38 per cent from a year earlier, dampening the enthusiasm to hold onto young heifers for breeding purposes and perhaps pushing marginal numbers of calves into small feedlots.

USDA-NASS (National Agricultural Statistics Service) estimated that 6.4 million heifers were being retained for breeding purposes at the end of 2016, up 1 per cent from a year earlier. A tidal-wave of heifers being redirected from pastures to small feedlots in response to lower calf prices did not seem to be in play.

FI steer and heifer slaughter in April was up 2 per cent from the prior April. Marketings of cattle from feedlots with capacities over 1000 head were up 3 per cent. Data on cattle imports for April from USDA-ERS (Economic Research Service) is not available yet.

If it is close to March numbers the supply of steers and heifers from small feedlots or coming off pasture for the month would have been down 4 per cent from a year ago. This would be the first year-over-year decline in cattle supply from this sector in 2017, and would be another factor supporting higher-spiraling cattle prices this quarter.

INDIA

Gobierno de India quiere impedir comercio de ganado para faena; tribunal logró suspender la medida

01 de junio de 2017 Un tribunal de India dejó sin efecto por cuatro semanas una decisión gubernamental que impedía la comercialización de ganado con destino a faena.

Golpeando las industrias cárnicas y de cuero, dominadas por los musulmanes, el gobierno del primer ministro Narendra Modi decretó que solo se podía comercializar ganado vivo para propósitos agrícolas, como el arado, o la producción lechera, informó Reuters.

La prohibición implica una amenaza US\$ 4.000 millones que generan las exportaciones de carne y millones de empleos.

Es probable que la prohibición que pretende imponer el gobierno sobre la faena de ganado aleje aún más a los musulmanes, que constituyen el 14% de los 1.300 millones de habitantes de India, y que aumenten las tensiones comunales y religiosas.

Los líderes hindúistas y los grupos de vigilantes de vacas se han estado afirmando cada vez más desde que el gobierno nacionalista hindú de Modi llegó al poder en 2014.

La mayor parte de la carne vacuna de la India proviene de búfalos en lugar de vacas, que son consideradas sagradas por los hindúes. Sin embargo, quienes comercializan ganado y los mataderos han sido atacados reiteradamente por grupos activistas que se oponen al comercio de carne



30 May 2017 - The Central Government's ban on the trade of cattle for slaughter threatens \$4 billion in annual beef exports and millions of jobs if the government does not revoke the stoppage decreed last week, according to two industry officials.

In the latest setback to the Muslim-dominated meat industry, Prime Minister Narendra Modi's government decreed animal markets will only be able to trade cattle for agricultural purposes such as ploughing and dairy production.

According to Business Standard, the ban is likely to further alienate Muslims, who make up 14 per cent of India's 1.3 billion people, and raise communal and religious tensions. Hindu hardliners and cow vigilante groups have been increasingly asserting themselves since Modi's Hindu nationalist government came to power in 2014.

Most of India's beef comes from water buffalo rather than cows, which are considered holy by Hindus, but local cattle traders and slaughterhouses have repeatedly come under attacks from activist groups that oppose the meat trade.

"In the garb of the order that prohibits the trading of cattle at organised markets, the government has tried to impose a ban on the meat industry," Abdul Faheem Qureshi, head of the Muslim All India Jamiatul Qureshi Action Committee, told Reuters.

"Meat supplies will very soon grind to a halt in India and abroad if either the government does not repeal this draconian order or a court does not step in," Mr Qureshi said.

Government officials were not available for comment.

Indian meat traders, under the aegis of the Qureshi Action Committee and other trade and industry associations, plan to petition India's Supreme Court in the next couple of days to get the government order rescinded.

"Exports will come to a halt because slaughterhouses will find it extremely difficult to buy cattle and we also apprehend widespread job losses in the sector, which supports millions of people," said Mr Qureshi.

Abattoirs across India on 31 March called off a strike after four days when the most populous state of Uttar Pradesh, ruled by PM Modi's party, gave assurances that it would renew the licences of slaughterhouses and protect them against the attacks from cow vigilante groups.

The slaughter industry stabilised after the strike but the latest order has unsettled trade again, said Priya Sud, partner at Al Noor Exports, which operates abattoirs in Uttar Pradesh.

The impact on exports will be more evident after a couple of months when the supply chain dries up, Ms Sud said.

India exported 1.33 million tonnes of buffalo meat in the 2016/17 fiscal year to 31 March, worth about \$3.9 billion. The exports were slightly up from the 1.31 million tonnes exported in the previous year.

TheCattleSite News Desk

31 May 2017- The Kerala government on Wednesday decided to convene a meeting of all chief ministers to discuss the Centre's ban on sale of cattle at animal markets for slaughter.

Business Standard reports that the decision comes days after Chief Minister Pinarayi Vijayan wrote to his counterparts appealing them to stand together and oppose the "anti-federal" move.

"We want to call a meeting of all chief ministers to discuss the issue relating to the ban," Mr Vijayan told reporters after a Cabinet meeting.

He also indicated that the state government would legally challenge the notification which banned sale and purchase of cattle for slaughter.

Asked if any date had been finalised for the proposed chief ministers' meeting, Mr Vijayan said they wanted it to be held at the earliest.

The government also decided to convene a special session of the state assembly after discussions with Leader of the Opposition Ramesh Chennithala.

Mr Vijayan said the state government cannot accept the new regulations. "This has to be questioned legally as it is unconstitutional," he said.

Asked if the state will move the Kerala High Court or the Supreme Court, the chief minister said the matter will be first discussed with legal experts.

In his letter to his counterparts, Mr Vijayan had said, "Unless we stand together and oppose this anti-federal, anti-democratic and anti-secular move, it may mark the beginning of a series of similar measures aimed at destroying the federal democratic fabric and secular culture of our country."

Mr Vijayan had also shot off a letter to Prime Minister Narendra Modi opposing the ban and urging him to withdraw the new regulations, which is facing protests in some states, including Tamil Nadu and Kerala.

TheCattleSite News Desk

Dudan sobre la posibilidad de que se impida faenar vacunos

31 May 2017 - There are doubts about whether India's ban on the slaughter of cattle and buffalo will last.



The ban has sparked widespread protests in India as well as claims that millions of jobs will be lost if the government stops the nation's \$4 billion beef export industry.

ABC News reports that the ramifications are being watched closely in northern Australia with Indian buffalo meat becoming a serious competitor to Australia's live cattle trade to Indonesia.

'Too much commerce at stake'

Industry consultant Ross Ainsworth, who is based in Jakarta, said he doubted the ban would last.

Dr Ainsworth said he visited India in December last year and was told at the time that buffalo would not be included in the ban, as they were not held in the same religious regard as cattle.

"I would be very surprised if what appears to be a ban on buffalo is actually real when all the detail of the ban rolls out," he said.

"I think there is too much commerce at stake for the ban to stop [slaughter of buffalo].

"The cattle trade is very tiny in India because it has always been a restricted situation but the buffalo trade has risen to be the world's largest meat trade."

"There is about 2 million tonnes of buffalo meat consumed in India and about 2 million tonnes sold internationally."

"If you took that out of the system, it would be a spectacular disruption to the world meat trade."

"It would cause the biggest disruption [to the world meat trade] since the Second World War, so I can't see it happening."

Ban could increase demand for Aussie beef

In the last 10 months, Indian buffalo meat has proved a fierce competitor in Indonesia, as the country has looked for cheaper forms of protein and slowed the importation of live Australian cattle.

CEO of the Northern Territory Livestock Exporters Association, Stuart Kemp, said India's ban could see more demand for Australia beef.

"What we've seen in the last six to 10 months is turnoff from feedlots and slaughter numbers down 40 to 50 per cent, since the introduction of Indian buffalo," Mr Kemp said.

"But if that competition is not there, you would like to think that would make trading a bit better for importers and feedlotters.

"[However] there is a lot of product [Indian buffalo meat] in the supply chain that will take a long time to filter through, so if there is an impact on our trade it will still be some time away."

Having said that, Mr Kemp went on to say detail around the ban was scarce.

"More demand for Australian product is always a good thing, but I wouldn't be high-fiving myself just yet, there is a lot of water to go under the bridge," he said.

"This may be a thought bubble, it may be serious policy, we will just have to wait and see."

Dr Ainsworth said he expected the Indian government would release more information on the ban sooner rather than later, given the size of the industry.

TheCattleSite News Desk

Medida judicial paró la prohibición

By Reuters May 31, 2017 An Indian court suspended on Tuesday a government ban on the trade of cattle for slaughter, a lawyer involved in the case said, giving some relief to Muslim-dominated beef and leather industries that employ millions of poor workers.

The Madurai bench of the Madras High Court suspended for four weeks the order that prohibited animal markets from trading cattle, including buffalo, for slaughter, lawyer S. Selvagomathy told Reuters.

The suspension by the court in southern India was effective nationwide, said Selvagomathy, who petitioned the court.

Government officials were not immediately available for comment.

In a setback for meat and leather industries dominated by Muslims, Prime Minister Narendra Modi's government had decreed that animal markets could only trade cattle for agricultural purposes, such as plowing and dairy production.

The ban threatens \$4 billion in annual beef exports and millions of jobs.

"I filed the petition because I thought the ban undermined basic rights such as the right to profession," Selvagomathy said by telephone from southern India.

Abdul Faheem Qureshi, head of the Muslim All India Jamiatul Quresh Action Committee that supports meat sellers, welcomed the decision by the court in southern India and said his organization would seek a suspension from India's highest court.

AUSTRALIA: Record de existencias en feed lots

01 June 2017 Cattle on feed at the end of the March 2017 quarter increased almost 81,000 head (or 8%) from the December quarter, to a record 1,016,000 head, according to results from the latest ALFA/MLA lot feeding survey.



High cattle prices and cheap grain have incentivised lot feeders to retain cattle for longer, while continued dry conditions across much of Queensland has seen greater numbers placed on feed.
Numbers on feed across all states increased 11% year-on-year:

NSW increased 13% year-on-year, to 329,000 head
Queensland advanced 12% year-on-year, to almost 557,000 head
Victoria declined 5% year-on-year, to 60,000 head
SA increased 19% year-on-year, to 30,000 head
WA increased marginally on last year, to 41,000 head

Historical perspective

Numbers on feed surpassed one million head for the first time, the culmination of ten years of growth in the feedlot industry. first quarter figures were 18% higher than the 5-year average.

The new record surpasses the previous peak in 2006 (prior to 2014), when Australian feedlots expanded aggressively following the US loss of access to Japan and Korea due to BSE. However, the progressive re-entry of the US into both markets saw numbers on feed subside. They have steadily recovered since, with the increased presence of short fed cattle for the domestic market and growing appetite for grainfed beef globally.

A balancing act

Strong competition from restockers over a reduced pool of cattle has seen prices maintain their high levels. The national saleyard feeder steer indicator has averaged 343¢/kg lwt since the turn of year – 10% higher compared with year-ago levels. Finished cattle prices have also increased over the same period but have failed to keep pace with the feeder market; the Queensland 100-day grainfed steer indicator has averaged 545¢/kg cwt so far this year, up 3% year-on-year.

Low grain prices continue to partially offset the cost of cattle, with high domestic and global grain supplies forecast to keep grain cheap. Darling Down wheat prices averaged \$280/tonne in May, 8% lower year-on-year. ABARES, in their Agriculture Commodities: March quarter 2017, forecast average annual wheat (APW 10 net pool return) prices to track between \$270-280/tonne out to 2020.

Seasonal conditions will continue to drive numbers on feed moving through the rest of the year. With large parts of Queensland still drought declared, should conditions deteriorate further over the winter months; elevated numbers will continue to be placed on feed.

Export mix shifts to grainfed

Grainfed cattle turnout increased 9% on the previous quarter and was 11% higher year-on-year. With the herd in recovery mode, grassfed cattle slaughter has continued to contract, with the grainfed portion accounting for an unprecedented 42% of the national kill in the March quarter.

The shift in the kill has also been reflected in the export mix. The grainfed portion of total Australian beef exports during the March 2017 quarter was 28% – the equal highest proportion with that of 2007, which came as a result of a widespread dry period and subdued US competition in Korea and Japan.

EMPRESARIAS

Cambios en presidencia del grupo JBS S.A. Se fue Joesley Batista.

31/05/2017 - El empresario brasileño Joesley Batista renunció a la presidencia del Consejo de Administración de JBS S.A. y será sustituido por Tarek Farahat, que es el actual presidente Global de Marketing e Innovación de la compañía.

El fundador de JBS, José Batista Sobrinho, padre de Joesley e Wesley Batista, asumirá como vicepresidente del Consejo de Administración, según lo aprobado recientemente por los accionistas.

Anteriormente, Wesley Batista, actual director general global del grupo JBS, era el vicepresidente del consejo de procesadoras de carne.

29/05/17 - por Equipe BeefPoint A JBS anunciou nesta sexta-feira (26) que Joesley Batista renunciou ao cargo de presidente do Conselho de Administração da companhia "e também de membro de todos os comitês dos quais participava na empresa". Para o lugar de Joesley foi eleito Tarek Farahat, atual membro do conselho.

Em reunião realizada nesta sexta-feira, o Conselho de Administração também elegerá José Batista Sobrinho, irmão mais velho de Joesley, para a vice-presidência do colegiado, no lugar de Wesley Batista, que também renunciou ao cargo, mas permanece por ora na presidência executiva da empresa.

A mudança no conselho acontece em meio à crise detonada após a delação envolvendo o presidente Temer.



Em comunicado, a JBS informou também que o seu conselho aprovou a criação de um Comitê de Governança que será liderado por Tarek Farahat e terá como objetivo “implementar as melhores práticas globais em governança corporativa e compliance” na companhia.

“Governança é minha maior prioridade, com foco em ganhar confiança do mercado e proteger as 235 mil famílias que fazem parte da JBS. Há um grande trabalho a ser feito para reconstruir a confiança dos nossos stakeholders”, afirma Farahat em comunicado.

A companhia emprega atualmente mais de 235 mil colaboradores em todo o mundo.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

J&F cerró un acuerdo con Ministerio Público Federal por R\$ 10300 millones

31/05/17 - por Equipe BeefPoint A holding J&F – controladora do frigorífico JBS – fechou acordo de leniência (espécie de delação premiada das empresas) com o Ministério Público Federal (MPF) e vai pagar uma multa de R\$ 10,3 bilhões ao longo de 25 anos, informou a assessoria da instituição. Ainda de acordo com o MPF, esta é, em termos absolutos, a maior multa já aplicada no mundo por meio de um acordo de leniência.

Após semanas de negociações e resistência dos executivos da J&F, o acerto com os procuradores da República foi fechado na noite desta terça-feira (30). O documento que oficializará o acordo de leniência, informou o Ministério Público, será assinado nos próximos dias, após a conclusão das discussões de cláusulas.

O acordo inclui os fatos apurados nas operações Greenfield, Sepsis, Cui Bono, Bullish e Carne Fraca. Do total a ser pago, R\$ 8 bilhões serão destinados a Funcionários (25%), Petros (25%), BNDES (25%), União (12,5%), FGTS (6,25%) e Caixa Econômica Federal (6,25%). O restante da multa, R\$ 2,3 bilhões, será pago por meio de projetos sociais, especialmente nas áreas de educação, saúde e prevenção da corrupção.

O valor de R\$ 10,3 bilhões será corrigido pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), e a projeção é que chegue a R\$ 20 bilhões em 25 anos. Os pagamentos serão exclusivamente pela holding controladora e devem começar em dezembro deste ano.

O total estipulado na negociação representa 5,62% do faturamento livre de impostos registrado pelas empresas do grupo em 2016.

O valor que será pago pela J&F representa mais que a soma do que será pago por Odebrecht (R\$3,28 bilhões), Brasken (R\$ 3,1 bilhões), Andrade Gutierrez (R\$ 1 bilhão) e Camargo Corrêa (R\$ 700 milhões).

Todo o valor da multa paga pela J&F ficará no Brasil.

Fonte: G1, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Daniel De Mattos: “Nipponham es un cambio sustancial para el negocio de la carne en Uruguay”

31/05/2017 - Es una mejor posición para el mercado de “carne de calidad”, dijo el gerente general de BPU.

Durante el mediodía de hoy, en Durazno, se llevó adelante la presentación del Grupo Nipponham (NH Foods) como nuevo accionista de frigorífico BPU, que a partir de mañana se hará cargo del cien por ciento de las operaciones de la empresa. La compra, anunciada hace algunas semanas, fue por un total de US\$ 135 millones.

Daniel De Mattos, gerente general de BPU, aseguró a Rurales El País que esta operación significa “un cambio sustancial para el negocio de la carne en Uruguay”, dado que NH Foods tiene desde hace muchos años un “profundo conocimiento” del mercado asiático; por tanto, es una noticia “altamente positiva” para el país porque se va a operar con una cultura oriental.

El empresario dijo que la operativa de negocios “no cambia”, se va a “continuar con las mismas políticas y principios de siempre”. De todas maneras, remarcó que hay “mucho para aprender” con respecto la inserción al mercado asiático y aseguró que la ventaja como país será el “mercado chino” orientado a sistemas de alimentación muy similares a la “cuota 481”.

Japón significa “una parte” del mercado, NH Foods tiene un ingreso en China de “larga data” con distribuciones de forma directa. Es una empresa con “muchísima tradición” en la venta de “carne vacuna de alta calidad”, comentó Daniel De Mattos.

Nipponham es el primer grupo de empresarios japoneses que llegan al continente americano con la compra de un frigorífico. El gerente de BPU contó que la decisión de invertir en Uruguay está fuertemente asociada a la “cadena productiva”, destacando la “calidad, el estatus sanitario y sistema de trazabilidad”. Esto, permite fortalecer mucho la “posición dentro del mercado de calidad, tanto en pasturas como feedlots”.